

Por muito tempo passou entre nós Duguay Trouin por verdadeiro Vandalo ou emissario de Satanaz. Hoje não: seu nome deve inspirar até sympathia. Ha d'elle um factó que denota grandeza de alma, animo generoso e culto ao amor da humanidade.

Em 1711 estava no auge a perseguição contra os Judeus e contra os seus descendentes, os christãos novos. Em Setembro, epocha da partida da frota, já se achavam presos muitos desses infelizes. Deviam seguir com direcção aos calabouços da Inquisição.

Lá os esperavam a miseria dos carcereos, os tormentos, os autos de fé e a fogueira para os queimar vivos na presença do rei, da fidalguia, do clero e do povo!

Pois bem; nos dias da desordem e da confusão os prisioneiros arrombam as prisões. Buscam os navios francezes. São alli bem acolhidos e ahi ficam até o fim das negociações. Concluidas estas, Duguay Trouin podia entregar os pobres coitados ás justicas religiosas. Não os expulsou. Até o fim soube respeitar o sagrado direito de asylo. E lá se foram sob a protecção da bandeira franceza muitos dos nossos compatriotas, escapos ás garras do execrando tribunal do Sancto Officio.

Nunca mais se soube o fim desses infelizes, roubados em seus haveres para o *Fisco Real*. Preferiam a miseria em extranho paiz á ganancia e perseguição na terra, que lhes fôra berço.

Quem sabe, si no dia de hoje e ha 199 annos, ao subirem pouco a pouco as montanhas que circundam a formosa Guanabara, não se prostaram os christãos novos aos pés do compassivo marinheiro?

Ao seu nobre coração deviam ser agradaveis essas lagrimas de reconhecimento.

Que ao galhardo nauta sejam ellas levadas em conta dos muitos males, que causou aos nossos antepassados.

Domingo, 13 de Novembro de 1910.

A LAMPADOSA

Das grandes chacaras situadas no campo da cidade, além da valla (rua Uruguaiana) destacava-se a conhecida pelo nome de Gonçalo Nunes.

Era uma vasta superficie, que se extendia desde a actual rua da Alfandega até a do Cano (7 de Setembro) e Praça Tira-

dentes, e da rua do Fogo, antes da Opera dos Vivos e hoje dos Andradas até a de S. Jorge.

Ahi se limitava com a chacara do Campo de S. Domingos, foreira á Camara por dez tostões, terrenos pertencentes ao dr. João Mendes de Almeida, depois a seu cunhado Paulo Carvalho da Silva e mais tarde ao patrimonio do Hospital da Ordem do Carmo.

Ao capitão-mór José de Vargas Pizarro, secretario do Senado, persona grata dos mandões do tempo, aforaram os vereadores em 1721 a chacara do tal Gonçalo, padrao do padre Duarte Corrêa Vasqueannes.

Parece que a concessão não era cousa muito para que digamos. E foi contra esta afilhadagem que mais tarde o governador Luiz Vahia Monteiro protestou energeticamente.

Fallecendo em 1741 o Pizarro, coube á sua filha d. Leonor Maria de Vasconcellos essa grande zona da cidade.

Com consentimento do Senado da Camara, e mediante o fôro de tres mil e duzentos, d. Leonor em 1747 vendeu a Pedro Coelho da Silva, parte de sua grande propriedade, comprehendida entre a actual Avenida Passos e a rua de S. Jorge, local em que está hoje o Thesouro Nacional (antiga casa dos Passaros) até a rua do Alecrim (Hospício).

Ora, *in illo tempore*, existia na igreja do Rosario a Irmandade da Senhora da Alampadosa, como então se dizia. Ou por brigas com os donos da casa, porquanto o hospede depois de tres dias féde, ou porque os da Lampadosa quizessem proclamar sua independencia, certo é que procuraram levantar *habitat* proprio.

Veio-lhes em auxilio Pedro Coelho da Silva. Elle e sua primeira esposa Tereza de Jesus de Almeida (a segunda chamava-se Maria da Penha) doaram, com o palacete da Camara, aos confrades da Lampadosa seis braças de frente e vinte e cinco de fundos, com as condições constantes da escriptura de 7 de Fevereiro de 1748.

Neste documento se lê que a testada ou a frente do terreno cedido olhava para a rua da Cruz (Ouvidor). Prova isto que naquelle anno ainda não estavam povoados o largo de São Francisco de Paula e vizinhanças. Era um immenso descampado, onde só em 1749 se tinham de lançar os alicerces da Sé Nova (Eschola Polytechnica), unico edificio em construção, que existiu até muitos annos depois nessa grande área. Outro houve, a "Casa da Aula", mas esta fôra removida mais para as bandas do sertão. Desta casa, pertencente aos Jesuítas, já me occupei em 1901.

Não eram de todo caiporas os devotos da Lampadosa. Anos antes (em 1745) haviam obtido também do licenciado Plácido Pereira dos Santos dez braças de testada com vinte de fundos para construção de uma capella. Queriam a terra sem fôro, a título de esmola, e para isto dirigiram requerimentos ao rei d. João V. O Fidelissimo mandou ouvir a opinião de Gomes Freire de Andrada. Este declarou que a graça podia ser concedida comtanto que fosse em terras para o fim do Campo, porquanto "*nelle se fazem exercicios geraes das tropas*". Parece, salvo melhor juizo, que não pegaram as bichas.

Não aconteceu o mesmo com a doação de Coelho da Silva. Antes que este se arrependesse, e para evitar dúvidas, levantaram allí os devotos um cruzeiro com concessão do bispo dom Antonio do Desterro. Benzido o terreno pelo cura da Sé, Manuel Rodriguez Cruz, em 23 de Março começaram paulatinamente as obras concluidas, diz Noronha Santos, em 31 de Agosto de 1772.

Para saber o que foi esse santuario até nossos dias, basta lêr a descripção feita em 1877 pelo dr. Moreira de Azevedo: — templo acanhado, feio, mais proprio de uma aldeia do que de uma capital. Já no tempo do padre Luiz Gonçalves dos Santos escrevia este, que a igreja da Lampadosa, servida por uma confraria de pretos minas, devia ser dissolvida, tão indecente era!

Mudaram-se os tempos, e a sorte da capella também. Gente operosa tomou conta da administração. A Irmandade passou a Ordem Terceira, fizeram-se obras importantes ou antes fez-se completa reconstrução. Hoje a Lampadosa é templo elegante e não faz mau papel entre as modernas construções do antigo *Campo da Polé*.

O presente ahí está á vista de todos.

Do feio passado existe memoria em uma estampa da obra de Debret. Nella se vê o campanario com dous sininhos, e a fachada baixa e sem elegancia. Notam-se também os fundos da casa do brigadeiro Manuel Luiz Ferreira, o Manuel Luiz, o da segunda Casa da Opera ha pouco demolida, nas proximidades da Camara dos Deputados.

Naquella casa da rua do Sacramento morou, é bom lembrar, José Bonifácio, na epocha da Independencia. Mais tarde nas lojas funcionou a *Fama do café com leite*, do célebre Braguinha.

Na Lampadosa existia a devoção do rei Balthazar, composta de pretos africanos de differentes nações. Elegiam imperador, imperatriz, rei e rainha. Nos domingos e dias festivos saíam á rua, cantando e dançando á moda de seu paiz

com o fim de tirar esmolas para o seu patrono negro. No tempo do conde da Cunha resolveram os pretinhos coroar imperador o fámulo do vice-rei — Antonio da Nação Rebelo Tunda. Eis uma prova de que o engrossamento é tão velho como o mundo e apanagio de todas as raças. O conde consentiu na *coroação* e permittiu as festanças costumadas.

O ouvidor do crime, Carvalho chamava-se elle, permittiu a primeira parte do programma, a segunda não. Ora ali está um magistrado mais realista que o proprio rei. Si vivesse, era capaz de prohibir as romarias da Penha, assignaladas hoje pelos rôlos, cabeças quebradas, revólvers e facadas. E si duvidassem acabava com o carnaval, as manifestações, os cinemas *et reliquia*. Mas o Carvalho antecessor do Vidigal morreu, e não ha mal que sempre dure.

Em 1781 *restauraram* os pretos o Imperio, e tudo ficou como dantes. Que os folguedos continuaram, di-lo o conde dos Arcos em uma carta particular. Parece que d. Marcos de Noronha e Brito era apreciador desses *zés pereiras*. Disse elle que taes divertimentos deviam ser permittidos, quando não perturbassem a ordem pública. Era um meio de suavizar aos pobres escravos as agruras do captiveiro e as saudades das ardentes terras africanas. Já se vê que o conde era homem de idéas adeantadas.

Dizem vários historiographos: que antes de subir ao patíbulo o Tiradentes ouvira parte da missa ajoelhado á porta da Lampadosa. Esse facto mais me convence de ter sido o infeliz Mineiro suppliciado no antigo *Campo da Polé*. Era o unico lugar apropriado para uma execução espectacular. Ahi faziam as tropas exercicios.

Entre as minhas notas encontro uma, que mais justifica a minha humilde opinião. Em 23 de *Septembro de 1780* a Camara delibrou estabelecer no referido campo uma feira semanal de cavallos, bois e mais animaes. D. Beatriz de Vasconcellos protestou contra o esbulho de terras, de que tinha dominio util. Pediu retribuição, dando-se-lhe outras braças em sitio proximo. Ouvido o escrivão, reconheceu o direito da reclamante. Mais tarde, em 1791, o syndico declarou que o mercado público não fôra levado a effeito; mas que o conde de Resende o destinava para Rocío da cidade. Em todo caso, muito antes de 21 de Abril de 1792, d. Leonor foi indemnizada, ficando livre e desimpedido todo o terreno que ia por traz da Sé Nova, frente da Lampadosa e *todo o campo que vai até á rua do Piolho (Carioca)*.

Percorrendo o Sanctuario Mariano não encontrei até 1723 egreja alguma em Portugal e no Brasil com a invocação de *Lampadosa*.

Nos nossos antigos annaes maritimos figura, no tempo de Bobadella, uma importante nau de guerra com aquelle nome. Lampadosa foi a alcunha de um antigo delegado de policia no tempo do Imperio. Si me não falha a memoria chamava-se Cunha, e era medico.

Nos jornaes da opposição, no tempo da regencia, encontram-se allusões á Lampadosa. Fallam em devotos da Lampadosa, em Club das Lampadosas, em milagres da Lampadosa, etc. Houve até um jornaleco: "*O Sino da Lampadosa*". Moraria por alli algum manda-chuva do tempo, ou alguma deidade a que os magnatas prestassem culto? Nunca achei quem me explicasse tal insistencia nos corsarios desse tempo, tão cheio de odios e rivalidades politicas.

No domingo atrazado celebrou-se na Lampadosa a festividade a S. Chrispim e S. Chrispiniano. Sei que estes dous martyres são patronos dos sapateiros. Em Soissons ha um grande templo a elles dedicado. Em Lisbôa houve uma igreja elevada no tempo de d. Affonso Henriques em 25 de Outubro para commemorar a tomada da cidade aos Mouros pelo primeiro rei portuguez. Esse templo foi destruido pelo terremoto de 1755. Mais tardé foi reconstruido e ainda lá existe.

Quanto á Irmandade dos referidos sanctos no Rio de Janeiro, só posso informar que é antiga. Conheço um testamento feito em 1667 por um sapateiro apatacado, Manuel Pereira. Deixou á Misericordia duas casas na rua da Candelaria, um preto, official do mesmo officio, peças de cordovão, carneiras, panno de linho, etc. Neste documento Pereira declara ser confrade do Rosario e de S. Chrispim e S. Chrispiniano.

Sei tambem que, antes destes sanctos virem para a Lampadosa, estiveram na Candelaria e na igreja de S. Joaquim (hoje demolida).

E' o pouco que tenho a responder ao amavel missivista anonymo que se assigna *humilde sapateiro*. Si o meu admirador (sic) não ficar satisfeito, tem bom remedio. Recorra ao dr. Antonio Luiz Pedro de Alcantara e ao meu amigo Arthur Sabrosa (secretario de S. Chrispim), cuja casa commercial é alli no can'lo da Portugueza com a rua de Antonio Martins de Palma, ou em linguagem moderna, Hospicio e Candelaria.

Quem dá o que tem não é obrigado a mais.

Domingo, 20 de Novembro de 1910.